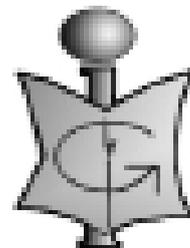




Boletim Informativo do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus-BA. Ano IX – Nº 18 - Ago/Set/Out - 2009

# INFORME GEOGRÁFICO

ISSN 1982-8039



## CONSTRUINDO O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: A GEOGRAFIA DA UESC EM QUESTÃO

Nestes tempos de transformações socioespaciais em nível global, cuja complexidade e sucessão se dão de forma veloz, a busca pelo entendimento do lugar enquanto uma categoria de análise se faz necessário caso se queira compreender o planetário, pois é na dimensão do lugar que para cada cidadão o mundo se torna efetivo.

A profunda dinamicidade com que as relações sociais se sucedem hodiernamente, influenciadas diretamente pelo contínuo e elevado estágio de desenvolvimento alcançado no âmbito técnico-científico-informacional, tendo na dinâmica espacial do lugar a sua materialização, traz no seu âmago além dos elementos de contradição também os elementos propiciadores ao seu entendimento.

Contudo, somente a análise do lugar, no sentido do seu entendimento na dimensão do cotidiano, não é suficiente para dar conta da compreensão de uma realidade que é fruto do contínuo movimento da história, e que em outras escalas geográficas apresenta múltiplas faces, com agentes hegemônicos que comandam o processo da continuidade desse movimento da história. Ademais, na dimensão do cotidiano as pessoas percebem de forma diferenciada a passagem do tempo e o fazer da história.

Nesse sentido, a Ciência Geográfica, ramo do saber de categoria interdisciplinar, tem, nas suas categorias de análise, subcategorias e conceitos, substanciais ferramentas auxiliares à compreensão de uma dinâmica que é planetária, mas que nos

diferentes lugares apresenta nuances. Assim também é o desenvolvimento dessa ciência, sendo inevitável para tal, a constante interação entre a construção do seu conhecimento e a particular realidade têmporo-espacial.

No Brasil, por questões históricas (político-estruturais), o eixo de maior significância e representatividade no sentido da produção do conhecimento científico, inclusive aí o da Ciência Geográfica, foi e ainda tem sido o Sudeste-Sul. Ademais, ainda herdamos efeitos da repressão e da censura, que, “reduziram o ensino na área de Estudos Sociais a um simulacro da produção científica nas ciências sociais” (CALLAI, 1997, p. 8). Entretanto, é nesse contexto de recuperação do

mente, com a separação desses Cursos, a Geografia da UESC foi caminhando no sentido do seu crescimento através da criação da Licenciatura Plena. No entanto, baseada em dados da Asplan/UESC, Torezani (2002, p.2) salienta que a procura pelo curso de Licenciatura em Estudos Sociais com habilitação em Geografia era inexpressiva se comparada aos anos seguintes. “Hoje, o quadro é bem diferente, havendo um aumento de 80 alunos em 1997 (Estudos Sociais / Geografia) para 250 em 2001 (Geografia), constituindo-se no Curso que mais cresceu na Universidade, segundo dados da Avaliação Institucional desse ano”.

Não obstante, conforme bem

### O caminho posto à frente do Curso de Geografia da UESC: ser uma referência para além do regional.

espaço de reflexão e de crítica que se amplia e se consolida a institucionalização da Geografia no país.

Na atualidade, contudo, lentamente possibilidades têm se aberto para que outras regiões se insiram de forma enfática nesse processo. Em realce, a Geografia da UESC, construída ao longo do tempo por docentes e discentes, no contexto da Região Sul do Estado da Bahia, que têm assumido papel importante no fomento à busca pelo desenvolvimento.

No princípio, essa disciplina esteve limitada teoricamente, através do curso de Estudos Sociais, onde a Geografia e a História se comprimiam; posterior-

colocou o professor Gilmar Trindade (2008, p.1), alguns pontos básicos foram ficando para ser refletidos no correr dessa história, dentre os quais citamos: “Que Geografia os egressos do curso nestes últimos anos estão ajudando a construir nas cidades e nas escolas onde atuam? E qual Geografia estamos produzindo neste momento na UESC, professores e alunos, que tipo de transformação desejamos alcançar, e como o mundo da vida e o mundo do trabalho têm se articulado através da mediação da Geografia...?”

Contudo, aquela geografia cresceu, fruto do trabalho e da luta dos professores e estudantes,

Paulo César B. de Aguiar \*  
Saulo Rondinelli X. da Silva \*\*

ícones e arautos de uma busca: a busca contínua pelo novo. Hoje, a Geografia da UESC não se resume tão somente à licenciatura, tem-se também o bacharelado e o mestrado. Mas, não obstante a isso, os questionamentos do professor ainda estão a vigorar.

Tais perguntas requerem uma resposta por parte daqueles que constroem o conhecimento geográfico nessa instituição, e pensamos que tal resposta virá dos professores e alunos, juntos, através de um engajamento no sentido da construção de um conhecimento geográfico academicamente e socialmente articulado que propiciem à Geografia da UESC se tornar uma referência para além do contexto regional – pois este é o caminho que está posto à frente do Curso de Geografia da UESC: ser uma referência para além do regional.

\* Geógrafo (UESC), Mestrando em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (UESC).

\*\* Geógrafo (UESC), Mestrando em Cultura e Turismo (UESC).

**Referências:**  
CALLAI, H. C. & ZARTH, P. A. **O estudo do município e o ensino de História e Geografia.** Ijuí: Unijuí, 1997. p. 8.

TOREZANI, T. G. Histórico do Curso de Geografia na UESC. **Informe Geográfico.** Ilhéus, v. 2, n. 5, p. 2-2, set./out. 2002.

TRINDADE, G. A. A necessidade de uma Geografia socialmente comprometida e espacialmente contextualizada. **Informe Geográfico.** Ilhéus, v. 8, n. 12, p. 1-1, abr./maí. 2008.



## NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Nas últimas duas décadas, as tecnologias de informação causaram alterações consideráveis nas técnicas de pesquisa, bem como nas formas de comunicação e de colaboração entre seus utilizadores, numa busca incessante por novos conhecimentos e informações. A tecnologia de comunicação (informática) relacionada à educação tem um papel importante na construção do saber dos alunos, inserindo-se como uma nova forma de interação no processo educativo, ampliando a comunicação entre o aluno e professor, promovendo ganho de novos conhecimentos.

Uma das prioridades atuais na utilização das novas tecnologias passa pela adaptação dos conteúdos à linguagem dos meios, isto é, pela elaboração de material e de estratégias educativas adequadas a um tipo de ensino que tende a recorrer cada vez mais à utilização de ferramentas informáticas. O estudo do espaço geográfico como hoje é entendido requer a apropriação de métodos diversos de leituras da paisagem, descrição, observação, explicação, interação, análise, síntese, dentre outros. A aplicação desses métodos exige o auxílio de técnicas ou recursos tecnológicos que possibilitem a aproximação do educando com seu objeto de investigação.

Segundo Silva, Campos e Fontes (2009) “com o avanço tecnológico ocorrido nos últimos anos, é de extrema importância que o professor de Geografia use as novidades existentes no Sistema de Informações Geográficas (SIG), tentando aplicá-lo como um instrumento de ensino auxiliar ao processo de ensino/aprendizagem. Esse sistema tem grande potencialidade para o ensino e pode ser explorado de forma ampla e diversificado”.

O uso de programas computacionais aplicados ao ensino de geografia tem o objetivo de ampliar, auxiliar os conhecimentos geográficos dos alunos, acelerando a autonomia da

Mariana Monteles da Silva \*

Heibe Santana da Silva \*\*

Joane Pedrosos de Almeida \*

Luiza Carla da Silva Soares \*\*

aprendizagem dos alunos. É um importante recurso ao processo ensino-aprendizagem, pois, a internet disponibiliza uma grande quantidade de informações, auxiliando as pesquisas na área de Geografia, fornecendo dados a cerca da climatologia, meteorologia, geomorfologia, cartografia, entre outras informações de cunho geográfico. Sua utilização leva a acreditar numa nova dimensão qualitativa para o ensino onde o aluno se torna capaz de absorver conhecimentos através da auto-aprendizagem. Este contribui com aulas mais diversificadas e atrativas, funcionando como elemento motivacional e facilitador das atividades. Os softwares enriquecem as aulas, despertando o interesse de professores e alunos, exigindo uma postura crítica de ambos.

Vale salientar, que o aluno se sentirá motivado em estudar o espaço geográfico da sua própria região, graças às imagens de satélite, por exemplo, possibilitando a aproximação dos estudantes com realidades distantes do seu espaço de vivência. É importante ressaltar que a utilização desses recursos sem um planejamento adequado não irá produzir resultados significativos para a melhoria da qualidade do ensino.

\* Graduandos em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

\*\* Graduandos em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

### Referência::

SILVA, H. S.; CAMPOS, M. & FONTES, E. O. O SIG na escola: aspectos positivos e negativos. *Informe Geográfico*. UESC, v.16, p.1 - 1, 2009.

## Agriculturas Tradicionais e a necessidade de “Reformas Agrárias”

David Tavares Barbosa\*

A partir da observação de três comunidades de agricultura tradicional no Nordeste brasileiro, a Comunidade indígena dos Pankararus – PE, a Comunidade do Serrote, no município de Paulo Afonso – BA e o Fundo de Pasto do Alto Redondo, em Canudos – BA, pode-se observar que a implantação da tão debatida Reforma Agrária, deve ser realizada a partir de um conjunto de reformas agrárias, não numa única, visto a diversidade de estrutura e organização da agricultura brasileira.

O estudo destas “unidades de trabalho não assalariada”, termo proposto por Chayanov (1981), evidencia que na agricultura tradicional, o arranjo espaço temporal a que cada comunidade foi submetida, dá uma unidade e singularidade a sua organização produtiva. Na comunidade indígena dos Pankararus, pode-se observar a existência de uma agricultura familiar, voltada para a subsistência, que não emprega trabalhadores pagos, mas utiliza apenas o trabalho de seus próprios membros.

Já na comunidade do Serrote, além do uso do trabalho familiar e do desenvolvimento de uma agricultura de subsistência, estes também buscam a produção de um pequeno excedente, que junto com a produção de algumas espécies nativas são utilizados para a venda aos centros urbanos, que os ajudam nos períodos de maior seca na subsistência. Sua produção agrícola apresenta maior desenvolvimento sobre condições de técnicas e uso de ferramenta no cultivo, uma pequena mecanização, diferente dos agricultores da comunidade indígena dos Pankararus.

Já no Fundo de Pasto processado em Canudos, formado num arranjo espaço-temporal conturbado, a organização produtiva deste ambiente é bem diferente da encontrada nos dois anteriormente analisados. O fundo de

pasto é uma forma, tipicamente nordestina, de administrar o semi-árido, onde grupos familiares formam pequenas comunidades espalhadas pela caatinga, que apresentam como atividade principal, a criação de animais de pequeno porte (bode e ovelha) e algum gado mestiço, criados num regime extensivo. As áreas de pasto não são cercadas, de uso coletivo, com os animais livres para buscar comida e água a distâncias relativamente grandes (IPMC, 1997).

A agricultura desenvolvida neste espaço relaciona-se apenas para a utilização do gado, sendo a principal atividade desta forma de produção a criação de animais, de forma livre. Nesta forma de agricultura tradicional, as plantações são totalmente de autoconsumo, com uma pequena variedade de espécies cultivadas, onde os agricultores retiram sua subsistência da criação dos animais.

Ao analisar a realidade social e espacial agrária brasileira, numa concepção do espaço geográfico como um lugar socialmente produzido, fruto da dinâmica social que cria e recria esse espaço, evidencia-se que uma Reforma Agrária Brasileira é extremamente necessária, porém, não a partir de um único modelo, pois a estrutura agrária brasileira caracteriza-se por uma grande diversidade, por diferentes formas de ocupação dos recursos naturais, onde cada um apresenta um período histórico de construção divergente, com formas e funções diversas, e com necessidades particulares à cada espaço.

### Referências Bibliográficas

CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, J. G. & STOLCKE, V. (Orgs.). *A Questão Agrária*. Trad: Edgard Afonso Malagodi (et al). São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 133-163.

IPMC. *Canudos: Fundo de Pasto no semi-árido*. Coleção Centenário. Paulo Afonso, 1997.

MARTINS, J. S. *Os Camponeses e a Política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 21-102.

\* Estudante do Curso de Bacharelado em Geografia (UFPE).



Boletim Informativo do Curso de Geografia – UESC

INFORME GEOGRÁFICO - ISSN 1982-8039

Blog: [www.informegeografico.blogspot.com](http://www.informegeografico.blogspot.com) - E-mail: [informegeografico@gmail.com](mailto:informegeografico@gmail.com)

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC - Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16. CEP: 45.662-900 - Ilhéus - Bahia - Brasil

**Fundador:** Saulo Rondinelli Xavier da Silva (abr.2001)

**Conselho Editorial:** Alan Azevedo Pereira dos Santos (alansantos\_18@hotmail.com) - Evilânia Bento da Cunha (evilaniageo@yahoo.com.br) - Greiziane Araújo Queiroz (greiziane@hotmail.com) - Jorman dos Santos (jorman@bol.com.br) - Liliane Matos Góes (goes.liliane@yahoo.com.br) - Paulo César Bahia de Aguiar (imperadorblue@yahoo.com.br) - Saulo Rondinelli Xavier da Silva (geoilheus@hotmail.com)

**Colaboradores:** Ingrid Emmanuele Vieira Santos (lelinha28@hotmail.com) - Reinaldo Martins Lemos (reilemos@bol.com.br)

**Projeto Gráfico / Diagramação:** Marcos Maurício ([www.marcosmauricio.blogspot.com](http://www.marcosmauricio.blogspot.com))

**Impressão:** Gráfica da UESC

**Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.**

Consulte as normas de submissão em nosso Blog: [www.informegeografico.blogspot.com](http://www.informegeografico.blogspot.com)

# HABITAR A CIDADE: A QUESTÃO DOS MORADORES DE RUA

O problema da moradia faz parte do cotidiano das cidades brasileiras. Loteamentos irregulares, aluguéis exorbitantes, valorização e (re)valorização de espaços, segregação sócio-espacial, entre outros não estão mais restritos a metrópole. Dentre os problemas habitacionais urbanos, nota-se que ainda é pouco discutida a questão dos moradores de rua, talvez pelo descaso social para com esta parcela da população.

A terra urbana enquanto mercadoria no mundo capitalista instalou uma problemática na cidade: a dificuldade de sobrevivência daqueles que são desprovidos de condições objetivas de moradia. Habitar a/na cidade, ou melhor, continuar a habitá-la, torna-se mais dispendioso e exige, aos despossuídos de moradia, o pagamento por seu uso – o aluguel, por exemplo, que exige uma renda fixa. Os moradores de rua são alvos do desemprego que afeta a sociedade contemporânea, fruto do avanço da técnica (produzindo máquinas), do acirramento da competição e de uma globalização perversa.

No princípio eles tiveram uma residência fixa. O desemprego e a desestruturação familiar os empurram para as ruas e alguns entram num processo de constante mobilidade territorial interurbana. O pedir nas ruas passa a ser o meio de sobrevivência e a próxima refeição sempre é uma incógnita. Garantir o alimento diário ainda não é suficiente para condições dignas e saudáveis de vida humana; sua luta pela sobrevivência na cidade, traduzida basicamente na tentativa de conseguir o alimento diário, não pode nos iludir a ponto de pensarmos que não necessitam de uma casa, um espaço de privacidade.

Com o tempo, o morador

Igor Venceslau Freitas\*

de rua vai perdendo os valores que o ligavam com a vida do cotidiano, do trabalho, dos horários e dos hábitos de higiene. Ele cria um universo paralelo, com signos e significados diferentes dos nossos: novas linguagens, novas formas de relações. O indivíduo, que uma vez marginalizado socialmente é, agora, outra vez segregado por causa do mundo construído nas ruas. Na maioria dos casos a bebida torna-se uma consequência (e não a causa) da vida nas ruas. O mesmo por dizer das demais drogas. Até a possibilidade de encontrar um emprego está cada vez mais distante, uma vez que para tal os valores padronizados nesta sociedade são condição unânime: a existência de um endereço (inclusive eletrônico), um número telefônico, referências, experiências...aparência!

Alguns espaços da cidade não podem ser freqüentados por moradores de rua. São, em geral, espaços coletivos, mas não públicos usados pela classe média e alguns órgãos públicos onde o morador de rua é expulso ou seus valores não condizem com o uso, como os *shopping centers*. O morador de rua na paisagem denuncia as contradições do modo de produção vigente e nos convida a uma reflexão a respeito dos problemas que todos os dias refazem a cidade e o urbano do mundo atual.

*Texto adaptado do artigo "(Sobre)Vivências dos Moradores de Rua do Centro da Cidade de Itabuna-BA" (FREITAS, I. V., 2009), desenvolvido na disciplina Geografia da População, sob orientação da Profª MSc. Maria Cristina Rangel.*

\* Aluno do curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

## NOTAS - NOTAS - NOTAS - NOTAS - NOTAS

### X ENCONTRO DE GEOGRAFIA DA UESC 26 A 27 DE OUTUBRO



O Colegiado do Curso de Geografia da UESC em conjunto com o Diretório Acadêmico de Geografia (DAGEO), convidam a comunidade acadêmica e interessados para participar do X ENCONTRO DE GEOGRAFIA DA UESC, nesta edição denominado Geografia: Pensar e Ser, a ser realizado nos dias 26 e 27 de outubro de 2009.

O objetivo do evento é reunir professores, estudantes, profissionais e demais interessados na área, no sentido de promover debates que abranjam, embasados na perspectiva geográfica, temas relacionados ao Ensino, Meio Ambiente, Espaço Agrário e Economia.

A abrangência dessas subáreas do conhecimento geográfico permite superar uma possível fragmentação da análise geográfica. Portanto, no decorrer do evento, pretende-se que os palestrantes e participantes, por meio dos debates, contribuam para a construção da compreensão totalizante da ciência geográfica.

### GRUPO DE ESTUDOS URBANOS DA UESC

O processo de urbanização vem causando profundas alterações socioespaciais no Sul e Extremo Sul da Bahia, sobretudo após a última grande crise da lavoura cacaueteira e a inserção de novos segmentos produtivos. Com o aprofundamento deste debate e o crescente número de pesquisas ligadas ao tema, nasce o Grupo de Estudos

Urbanos da UESC. O grupo reúne professores e alunos de graduação e pós-graduação que atuam ou se interessam por estudos sobre a cidade e o urbano, visando aprofundamento teórico e realização de pesquisas nos municípios da área de influência da UESC. As reuniões acontecem quinzenalmente no Campus, às tardes ou no sábado pela manhã. Os interessados em ingressar no grupo devem manter contato através do endereço eletrônico [ivfreitas2@yahoo.com.br](mailto:ivfreitas2@yahoo.com.br)

### XXVI EREGENE - PIAUÍ 2009 30 de out. a 02 de nov.

O EREGENE (Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Nordeste) nasce de uma articulação em torno do fomento a formação política, no sentido de complementar a formação do geógrafo e do cidadão. Este ano será realizado em Teresina-PI a XXVI edição, com o tema GEOGRAFIA CULTURAL: O PODER DO LUGAR FRENTE ÀS RELAÇÕES GLOBALIZADAS, nas datas de 30 e 31 de outubro e 01 e 02 de novembro.

O XXVI EREGENE visa contemplar a integração dos estudantes de Geografia do Nordeste, preocupando-se também com a iniciação científica dos mesmos e a inserção no movimento estudantil, tendo como base a ocorrência de GT's (grupos de trabalho), ED's (grupos de discussão), GDV's (grupos de discussão e vivência), palestras, mesas-redondas e plenárias.

As inscrições para o EREGENE estão abertas! Não espere mais, garanta logo a sua presença no maior evento de Geografia do Nordeste. Acesse o site: [www.eregenepiaui2009.com.br/](http://www.eregenepiaui2009.com.br/).





## ENTREVISTA: JURANDY ALMEIDA SANTOS

### COMO ANDA A VIDA DO TRABALHADOR DA LAVOURA CACAUEIRA DEPOIS DA CRISE

RELATOS DE UM HOMEM QUE CONVIVE MAIS DO QUE NINGUÉM COM OS EFEITOS DA CRISE DA MONOCULTURA CACAUEIRA NO SÉCULO XXI

Nesta edição o BIG publica a entrevista realizada por Thiana Cazais (Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia – UESC) com o senhor Jurandy Almeida Santos, natural de Iguapé e residente há mais de trinta anos na cidade de Itabuna, na Bahia. Com 52 anos de idade, é analfabeto funcional e tem como principal fonte de renda familiar o trabalho na produção de cacau e a prestação de serviços como auxiliar de pedreiro. A riqueza do período de maior rentabilidade do cacau para o Sr. Jurandy foi a abundância de alimentos, ou seja, a segurança alimentar e não acúmulo de bens como alguns possam imaginar.

**(móvel e imóvel) que o senhor tinha antes e depois da crise do cacau?**

JS - Não tinha casa, só tive condições de comprar depois da crise com o dinheiro dos “tempos” de serviço que recebi do meu patrão.

**TC - Tem saudade do período que antecedeu a crise? Fale do que mais sente saudade.**

JS - Sim. Sinto saudades da abundância de alimento que minha família tinha antes da crise da lavoura cacauzeira.

**TC - Como era a vida da sua família antes da crise?**

JS - Eu casei antes da crise e

tudar e poderão ter uma vida melhor que a minha...

**TC - Seus filhos estudam onde? São formados? Onde moram?**

JS - Sim eles estudam, alguns já são formados no “segundo grau”, e dois filhos moram comigo ainda, os outros casaram, do total de cinco filhos que tenho.

“A vida é muito ruim, pois não temos emprego certo... trabalhamos na cidade de servente de pedreiro e outras vezes no campo...”

**TC - Atualmente como o senhor avalia os problemas enfrentados pelo trabalhador do cacau?**

JS - A vida é muito ruim, pois não temos emprego certo. Vivemos

de “bico”, às vezes trabalhando na cidade de servente de pedreiro e outras vezes no campo, nas fazendas que clonaram o pé de cacau... De vez em quando trabalho lá.

**TC - O senhor acha que sua vida vai melhorar? Por que motivo?**

JS - Sim, por que tenho esperança na vida apesar de não ter



Foto: Thiana Cazais

mais saúde pra trabalhar tanto como antes, pois agora estou ficando mais velho.

**TC - O senhor participa de algum movimento social ligado ao campo?**

JS - Não, eu nunca participei de nenhum movimento social.

*Entrevista concedida a Thiana Cazais, estudante de Geografia (UESC), sob orientação da Prof<sup>a</sup> Cristina Rangel.*

**Thiana Cazais (TC) - O que é e como foi à crise da lavoura cacauzeira para o senhor? De que forma ela afetou sua vida?**

Jurandy Santos (JS) - A crise do cacau mudou drasticamente minha vida, pois deixei de ter muita fartura na mesa como tinha antes... Só não passei fome porque continuei trabalhando na lavoura e em outros lugares para complementar a renda da família.

**TC - Qual o patrimônio**

“Sinto saudades da abundância de alimento que minha família tinha antes da crise da lavoura cacauzeira”

esta família tinha a vida bem melhor antes da crise, pois tínhamos tudo na fazenda em que morávamos.

**TC - O senhor acha que sua família (seus filhos) tem e/ou terão uma vida melhor que a sua? Se for afirmativa, por que você tem essa impressão?**

JS - Mais ou menos, acho que eles terão oportunidade de es-

J	Q	B	A	V	Y	A	A	C	O	H	Y	M	E	B
N	C	A	C	S	Γ	L	A	T	N	O	P	I	Γ	D
W	Y	V	O	J	H	W	T	D	Y	O	S	A	F	X
O	X	I	N	C	I	Ó	P	A	G	I	N	V	W	B
J	W	B	C	G	R	L	U	H	W	T	K	B	C	M
K	W	W	L	O	P	I	F	A	K	B	A	G	U	S
V	U	F	U	E	K	C	S	K	H	A	P	N	K	P
N	A	V	Ê	E	O	H	L	T	E	U	H	C	S	J
L	T	R	N	N	T	J	T	V	A	J	O	G	M	P
U	Y	O	C	D	D	G	M	D	K	E	Ã	S	E	T
P	M	A	I	A	K	L	O	S	E	G	F	X	X	Y
H	K	K	A	S	F	N	M	J	D	F	U	N	U	B
G	Q	S	N	W	W	K	N	T	F	T	T	Q	U	Q
I	X	G	I	C	Y	J	P	M	U	B	U	J	W	W
M	G	I	T	I	E	K	V	G	D	P	R	D	A	Y

## GEO CAÇA- PALAVRAS

- Área de uma floresta onde a água, após a inundação dos rios, fica estagnada durante algum tempo
- Local da Terra onde um paralelo e um meridiano formam um ângulo de 90°
- Parte de terra, geralmente longa e estreita, que avança em direção ao mar
- Termo usado no Extremo Oriente para designar os ciclones tropicais
- Parte superior de uma onda